

# reportagem cultural

## Geraldo Lopes: 'Sou um produtor nato'

Porto-alegrense criado em Campo Bom, Geraldo Lopes, 75 anos, já não é sócio da Opus, mas anda sempre pelos escritórios da empresa, que ocupa várias salas de um andar inteiro em prédio na Av. Carlos Gomes. Tem sua mesa, tornou-se presidente institucional. Quando não está lá, é bem provável que esteja viajando: já andou por quase 100 países de todos os continentes - acaba de voltar da Malásia.

"Comecei com atividade normal de produção, e optei por não me fixar em uma forma única de espetáculo", recorda. "Mas tive uma fase de produção de peças de teatro locais, como *Passagem para Java*, com Ilana Kaplan, *A Verdadeira História de Édipo Rei*, com Zé Victor Castiel, *A Fonte*, de Luiz Arthur Nunes, culminando com *Bailei na Curva*, do Júlio Conte, maior sucesso da história do teatro gaúcho, ainda em cartaz."

De 1976 a 1984 ele trabalhou sozinho. "Fui aprendendo, a dor ensina a gemer". Aí, contratou Carlos Konrath e Átila Zelincki. "Todos trabalhávamos na produção, fazíamos de tudo. Eu também fazia imprensa, reservava hotéis, recebia os artistas no aeroporto, via o que precisavam e tal. Eram produções de vários tipos e tamanhos, nacionais e internacionais.

Imagina o pessoal do Disney on Ice, por exemplo, que viria quase todos os anos."

Dá para imaginar também as situações de improviso vividas por Geraldo. Ele tem montes de histórias pra contar. O show de Sting no Olímpico, um dos primeiros em estádios na cidade. Dezembro de 1987. "O show já tinha começado, estádio lotado e desaba um temporal. Parou tudo. Mas o público ficou e Sting topou esperar que a chuvarada parasse. Remontamos o palco e o show recomeçou no início da madrugada."

A Opus trouxe algumas vezes Astor Piazzolla e Mercedes Sosa. Numa delas, atrasou o voo de retorno de Piazzolla a Buenos Aires. E Geraldo ficou cinco horas conversando com o grande pianista no aeroporto. Também lembra daquele dia de Mercedes, Gigantinho lotado, 1980, plena ditadura. "No meio do show estourou uma bomba de efeito moral, espalhando um mau cheiro horrível. Esperamos um pouco e ela voltou ao palco."

Outra: "Um dia, o gerente do Hotel Rishon me liga dizendo que a Polícia Federal tinha dado uma batida à procura de Lennie Dale, que estava em Porto Alegre para se apresentar. Devido a isso, depois do depoimento, o show foi adiado para o dia seguinte. Já no camarim, Lennie disse

que não queria mais fazer. O empresário colou um revólver na cara dele e disse 'você faz ou não sai daqui vivo'. E ele fez, claro."

Enfim, são muitas histórias. Tantas, e tão marcantes para a história da cultura e do *showbiz* no RS, que em 2015 o jornalista e escritor Carlos Urbim já começara a entrevistá-lo para escrever sua biografia. Tinha até título provisório, *Sou um Produtor Nato*. Geraldo: "Estávamos conversando, quando ele teve um apagão. Logo me dei conta de que era algo grave". Urbim morreria pouco depois, aos 67 anos.

Além de registrar os aprendizados nas viagens, a biografia interrompida incluiria atuações de Geraldo paralelas ao trabalho na Opus. De 1990 a 1998, foi diretor artístico do Teatro São Pedro - antes, participara da criação da Orquestra de Câmara TSP. Foi presidente e há dez anos atua junto à Fundação Cultural Pablo Komlós, agenciadora artística da Ospa. Para sublinhar, em 1997 recebeu o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre.

*Quem se habilita a escrever essa biografia?*

OPUS ENTRETENIMENTO/DIVULGAÇÃO/JC



Geraldo Lopes e Dizzy Gillespie - 1976

## Carlos Konrath: 'Eu queria construir o futuro'

Também nascido em Porto Alegre, há 60 anos, Carlos Konrath entrou na Opus em 1984 de uma forma inusitada - mas que já revelava seu destino. Era presidente do Grêmio Estudantil do Colégio Estadual Piratini e, um dia, abordou Geraldo Lopes no saguão do Salão de Atos da Ufrgs. Pediu para assistir ao recital de Arthur Moreira Lima, pois queria fazer um trabalho para a escola e não tinha dinheiro. Ganhou o ingresso.

Ao fim do espetáculo, disse a Geraldo que poderia fazer divulgação na escola, e levou panfletos para distribuir. Dias depois, pediu mais panfletos. "Era aquele sonho do entretenimento que todos nós sentimos, eu queria adquirir mais conhecimentos para colaborar, trocar com a escola. Sempre fui muito inquieto, ativo", lembra. Daí Geraldo se antenou. Precisava de ajuda e pergun-

tou se ele não gostaria de trabalhar na Opus. Gostaria, claro!

"Eu fazia bilheteria, montagem de palco, gravação de VTs pra televisão, *spots* pras rádios, material para a imprensa. Me virava nos 30... A partir dessa experiência, na hora de escolher o curso universitário optei por estudar Comunicação na Famescos/Pucrs, me formei em 2006. Mas digo que meu trabalho na Opus, desde o início, foi num crescendo. Mesmo atuando na cozinha, eu queria construir o futuro".

Não por outro motivo, em 1986, com apenas dois anos de casa, foi convidado a tornar-se sócio. "Eu sentia que poderíamos crescer, mas Porto Alegre era meio que um fim de linha dos grandes espetáculos de Rio e São Paulo. Para chegar aqui tudo ficava mais caro.



Carlos ao lado da roqueira Rita Lee, em 2004

Começamos a trabalhar em vários espaços, Teatro Leopoldina (depois da Ospa), o São Pedro (para temporadas de peças de teatro), o então novo Teatro do Sesi..."

De passo em passo, o sucesso da administração do Teatro do Bourbon Country e a parceria com o Grupo Zaffari levaram a Opus em 2009 para São Paulo e o Teatro Bradesco, primeiro fora do RS. E assim vieram os outros, chegando ao Nordeste - quase sempre dentro de shoppings. Hoje, Carlos passa de 10 a 12 dias por mês em outros estados. "Criamos

uma relação gigante com o mercado do entretenimento, inclusive do Exterior".

Além de acompanhar o trabalho nos sete espaços administrados pela Opus fora do RS, as viagens de Carlos prospectam novas atrações e, também, as possibilidades de novas casas. Embora esteja sempre a mil, segue mirando o futuro: seu filho mais velho com Beatriz, Matheus, 36, trabalha no escritório de Porto Alegre. Os outros dois, Antônio, 15, e João Gabriel, 21, ainda não se sabe. Mas como foram criados no meio...



Geraldo, Lucas e Carlos nos bastidores do Teatro do Bourbon